



UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA RODA: GRUPO TERAPÊUTICO COMO DISPOSITIVO DESPRIVATIZAÇÃO DO SOFRIMENTO

WALDENILSON TEIXEIRA RAMOS (UFF);

RESUMO

Tomando o sistema capitalista não apenas como uma tecnologia de gestão material, mas também uma máquina que efetua processos de subjetivação na macro esfera política e na vida cotidiana, se torna possível dar notoriedade a operações constitutivas do sujeito moderno. Diante deste primado, cabe a reflexão a respeito de uma ontologia do presente que tem, em seu germe, a problemática da lógica privativa do sofrimento psíquico. Sendo assim, a psicologia deve se debruçar em pensar em tecnologia de intervenção, a fim de fornecer à sociedade melhores ferramentas de cuidado e de bem estar em saúde. Este artigo tem como objetivo realizar uma apresentação do projeto de extensão "Grupos como Dispositivo de Coletivização", bem como narrar a experiência de ter participado de tal projeto coordenado pelo Professor Dr. Eduardo Passos. Frente ao problema da privatização do sofrimento, na contemporaneidade, o projeto de extensão tem se utilizado da proposta de grupo terapêutico que tem se mostrado interessante ao problema. Com caráter psicoterapêutico, o projeto é integrado ao Serviço de Psicologia Aplicada da UFF/Niterói e atua sob uma perspectiva de abordagem da clínica Transdisciplinar. Este artigo relata como a aposta de um dispositivo psicoterapêutico tem contribuído de forma efetiva na formação das novas psicólogas no campo da formação clínica. Tendo como primado uma postura ético-política, o projeto em questão busca pensar o setting clínico como espaço de desprivatização do sofrimento. Compondo a experiência de formação em psicologia clínica, também se apresenta a experimentação do dispositivo de intervenção corpo 'claw' do analista. A abordagem transdisciplinar aposta na interface entre arte, filosofia e clínica nas práticas de cuidado e de formação. Os efeitos deste dispositivo são diversos, desde tomadas de protagonismo à desinibição infantil. Os efeitos clínicos em muito tem nos chamado a atenção, assim como às famílias que tanto nos dão feedback e notícias dos processos subjetivos de seus pequenos.

Palavras-chave: Transdisciplinaridade; Clínica; Grupos; Política; Ética.

1 INTRODUÇÃO

O projeto Grupos Como Dispositivo de Coletivização é desenvolvido como um projeto de extensão, reunindo atividades complementares aos domínios específicos de Assistência e Integração Ensino/Pesquisa. Trata-se de um trabalho junto à comunidade que visa também à formação do aluno e a pesquisa na temática da subjetividade contemporânea. O campo de atuação se efetiva e se atualiza nas práticas clínicas, onde a perspectiva do cuidado, em saúde mental, é o objeto central dos olhares e inquietações do grupo. O projeto de extensão visa criar um dispositivo clínico que permita explorar a relação entre produção de subjetividade e coletivo e, para tanto, é necessário pôr em análise as mudanças atuais nas relações de trabalho e nos modos de vida urbana. No núcleo de nossas discussões se coloca o interesse de explorar as relações entre os domínios da clínica e da política, pois, se aposta que tal gesto contribui

para a formação dos alunos de graduação em Psicologia.

Partimos do pressuposto que o sistema capitalista não se expressa apenas em termos econômicos, mas também rege a organização social da vida cotidiana, inscrevendo determinadas dinâmicas de subjetivação na contemporaneidade. É no contexto capitalista que se verificam efeitos da privatização do sofrimento, bem como novas formas de adoecimento psíquico. O modo de produção capitalista se assenta de forma mais evidente na articulação do mundo material, porém, não se encerra neste campo. As engrenagens de funcionamento da vida material regida por este sistema operacionalizam-se a partir de tecnologias que incidem sobre o corpo também em plano subjetivo.

Num sistema de organização marcado pela privatização da vida, o neoliberalismo se atualiza na medida em que avança para a formatação de um estilo de vida (FOUCAULT, 2020). Frente a essa hipótese de leitura de uma formação material e subjetiva, se faz imprevisível uma aposta de compreensão da saúde e da vida em outros escopos de análise, de igual forma, urge-se a necessidade de se tomar outras racionalidades de cuidado para além da racionalidade biomédica tradicional. Félix Guattari (2004), ao pensar a concepção de transversalidade, fornece importante instrumento de reflexão e de análise de certa ontologia política. Nesse sentido, o intercruzamento de vida cotidiana e forças do Poder ajuda a fortalecer outras forma de conceber os sujeitos modernos:

No pensar de Guattari, os tempos atuais trazem dinamismos em que o poder se apresenta como uma experiência difusa, rizomática, dispersa em fatores diversos, dependentes de arranjos plurais e tantas vezes transnacionais. Assim, “É preciso distinguir cuidadosamente o poder real do poder manifesto. O problema da relação de forças reais requer análise: todos sabem que o Estado não faz a lei em seus ministérios” (Guattari, 2004, p. 112). Da mesma maneira, um indivíduo não se faz apenas em sua biologia, em sua fisiologia, em suas redes neuronais, em sua relação familiar pequeno-burguesa ou nas especificidades de uma luta de classes, mas no transversalizar de diferentes dimensões de subjetivação (SIMONINI & ROMAGNOLI, 2018 p.919).

Diante do que Foucault designou de microfísica do poder (FOUCAULT, 2021) que capilariza a lógica da propriedade privada sobre a vida cotidiana, instaurando todo um estilo de vida, urge pensar atividades que visam a promoção de bem estar em saúde, dispositivos que estabeleçam um cuidado psicoterapêutico fora da lógica de privatização do mal estar e do sofrimento psíquico. Pensar o dispositivo de grupo como uma intervenção terapêutica, em um processo de coletivização do sofrimento, exige uma instrumentalização transversal, uma tal transversalidade é instrumento fundante de uma aposta política ontológica e ética. Diante disso, o gesto grupal toma o caráter curativo de uma lógica advinda de uma racionalidade mercantilista da vida, a propriedade privada como modo de estar e sentir a vida.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

As atividades do projeto são realizadas pelo grupo de professores, alunos e pacientes do SPA, e são coordenados pelo Professor Doutor Eduardo Passos, Sandra Santos Cabral e Fabrício Martins Pinto que são responsáveis pela organização e orientação do grupo, assim como pela supervisão dos resultados e prestação de contas do projeto de extensão junto ao Departamento de Psicologia.

Quanto ao trabalho dos alunos, o relatório ao final de um ano de trabalho permite que se avalie a realização dos objetivos acadêmicos esperados. O projeto de extensão se articula com o processo de formação dos acadêmicos de psicologia da UFF na medida em que se oferece como oportunidade para o aprofundamento daqueles alunos que concluíram os estágios curriculares em clínicas da graduação em psicologia.

A atuação do trabalho de extensão passa pela criação de um grupo terapêutico no SPA.

Nossos pacientes são encaminhados pelo processo de plantões, tendo como porta de entrada o próprio serviço do SPA que disponibiliza, em seu site oficial, formulários de inscrições. Os estagiários, que são vinculados ao serviço da clínica escola SPA, realizam a recepção das pessoas que se inscreveram e, a partir de uma entrevista que busca localizar demandas de tratamento psicoterapêuticas, os pacientes são destinados aos extensionistas do projeto em questão. Realizados os devidos encaminhamentos, os extensionistas realizam atendimentos individuais e grupais, sempre a fim de propiciar no grupo mecanismos de mudanças e novas produções subjetivas.

Todo o projeto trata-se de uma ação que, simultaneamente, oferece serviço de saúde à comunidade e oferece elementos para a formação dos alunos. Por isso, se faz tão fundamental, em nossa metodologia, uma participação ativa dos participantes e, nisto, operacionalizamos supervisão onde todos os integrantes possuem o papel de co-supervisores. No núcleo de nossa metodologia, interessa promover a prática da lateralização co-gestiva no serviço de saúde mental.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Interessa-nos avançar na discussão acerca das modulações do capitalismo contemporâneo investigando sua relação com os processos de subjetivação e individualização. Seguimos a reflexão proposta por Foucault (1977) acerca da relação entre os diagramas de poder na sociedade contemporânea e as práticas de individualização. Apoiamo-nos no conceito de “individuação” de Gilbert Simondon (1989). É importante para nós discutir os novos regimes de assujeitamento que geram sintomas ou formas subjetivas que não têm sentido fora da trama do contemporâneo. Aqui é o tema da ética como ethos do coletivo e a luta contra as formas de assujeitamento. Queremos associar a pergunta acerca da ética da clínica com a afirmação da política da clínica ou da clínica como política. O grupo é entendido por nós como dispositivo de desindividualização do sofrimento a ser empregado nas práticas clínicas do SPA da UFF.

A perspectiva teórica-metodológica de nossas intervenções se assenta na concepção da abordagem de uma clínica transdisciplinar. A clínica transdisciplinar é, por si só, uma aposta ética-política-metodológica, inferindo no campo da psicologia um não assentamento de práxis, todavia, imprime nas suas práticas os campos de travessia de limiares. Tencionando um diálogo entre a filosofia, clínica e artes, a abordagem trans propõe o entrecruzamento do político, vida e artes, onde se é tomado como protagonista o campo político e o estético. Dessa forma, se inaugura como pensar o setting da clínica como um dispositivo político e ético, e como a estética fornece construtos de análise de uma formação de subjetividade. Olhando para esse jogo de campos, as artes deixam de ser objeto contemplativo e se torna instrumento de intervenção de política e saúde.

Cristina Rauter (2015) marca a posição de uma clínica transdisciplinar como uma atitude de afirmação da multiplicidade, onde se toma as forças de constituição ontológica como variação de muitas forças conjuntivas e, assim, nos denuncia a necessidade de apontar os múltiplos vetores de agenciamento, para compreender o sujeito e seu sofrimento. Nesse sentido, para que a vida, como tal emergência de variação, possa ser potencializada, uma atitude transdisciplinar abre campo, não só de diálogo com outros saberes, mas também desmonta determinados assentamentos do que possa se criar como cuidado. Rauter (2015) disserta:

A função do clínico é a de catalisar a produtividade do inconsciente, numa concepção de inconsciente que possui forte inspiração spinozista. Aumentando a possibilidade que estabeleçamos novos e variados agenciamentos, o que se espera é potencializar a vida, catalisar os processos cósmicos, criadores, revolucionários, valendo-nos de múltiplos campos do saber, incluindo perspectivas do campo da arte,

da filosofia, entre outros muitos campos a partir dos quais possamos fazer funcionar estratégias clínicas (p.1).

A abordagem trans, nos dispositivos de grupo, ajuda a alinhar bem o que está colocado como desafio ético-político de nosso tempo, bem como potencializa uma atuação de cuidado que se abre a outros saberes, assim como se articula com a força criadora das artes, também construindo outros muitos de criação do cuidado.

Um desafio da clínica no contemporâneo é o de realizar a desprivatização e desintimização de seus dispositivos de intervenção. Neste sentido, o dispositivo grupal intensifica a interface entre a clínica e a política, problematizando o modo indivíduo de subjetivação na nossa sociedade. A dimensão do coletivo não pode ser tomada como oposta ou separada da dimensão subjetiva, apresentando-se como o plano de produção de efeitos de subjetividade. Assim, o grupo exerce a função primeira à coletivização, pois fornece a possibilidade de criar um dispositivo clínico que permita explorar a relação entre produção de subjetividade e coletivo. É sobre essa ótica e aposta de cunho ético-estético-político que se reafirma o dispositivo grupal também na clínica da infância, por exemplo. É importante discutir os novos regimes de assujeitamento que geram sintomas ou formas subjetivas que não têm sentido fora da trama do contemporâneo. Entendemos a ética como ethos do coletivo e a política como luta contra as formas de assujeitamento. A perspectiva transdisciplinar afirma a inseparabilidade entre clínica, ética e política.

3.1 CLÍNICA DA INFÂNCIA: UM CORPO ANALISTA “CLOWN”

Na continuidade da discussão e da promoção de reflexão deste artigo, interessa compartilhar a experiência do grupo como dispositivo de desindividualização do sofrimento na clínica da infância. Queremos apresentar o dispositivo que nomeamos como “corpo analista clown”. Interessa-nos pensar o gesto clínico intrínseco a esse dispositivo e como ele articula a perspectiva clínico-política com a arte, afirmando a força da experiência criativa no cuidado e promoção de saúde.

O projeto de extensão tem uma interface com o projeto Avante, que tem como objetivo pedagógico acolher e resguardar crianças em condições socioeconômica vulneráveis, realizamos uma série de atendimentos psicoterapêuticos, mais especificamente, uma atuação em grupo terapêutico. O projeto avante é uma iniciativa da Igreja Presbiteriana Betânia que visa assistir crianças em situação de vulnerabilidade social moradoras das comunidades da Grotá, Igrejinha e Castelo, em Niterói-RJ. As atividades foram iniciadas em agosto de 2017 com o objetivo inicial de dar continuidade ao atendimento às crianças que saíam da Creche Comunitária Betânia, mantida graças à parceria com a Fundação Municipal de Educação da cidade. Em 2021 aumentamos de 40 para 50 crianças matriculadas no Contraturno, finalizamos a montagem e inauguração da sala Montessoriana e iniciamos a Oficina de Robótica com 10 adolescentes. O projeto Avante tem como missão contribuir para estabelecer condições favoráveis ao pleno desenvolvimento espiritual, físico, emocional, social, cognitivo e de linguagem, através de ações socioeducativas, na singularidade de cada criança em situação de vulnerabilidade social atendida, de seu grupo familiar e entorno comunitário.

Em conjunto ao projeto e com a assídua participação dessas crianças, criamos o dispositivo corpo analista clown, onde o analista - o psicoterapeuta com vínculo no projeto de extensão em questão - disponibiliza o seu corpo como espaço de criação para as crianças. A tomada de decisão do que será feito com este corpo é do grupo, as crianças fazem os seus acordos e, conjuntamente, pintam e interferem na imagem do analista, sempre em via de desconfigurar uma imagem adultificada e séria. As escolhas das crianças vão em direção à criação de um palhaço e, curiosamente, estas escolhas os inquietou, nos levando à constatação que de fato tal imagem representa a subversão de uma imagem dominante do Outro. Onde as

crianças escolhem do corpo do analista para pintar, as cores escolhidas, o desejo implicado na atividade e todos os contratos estabelecidos grupalmente pré e pós a intervenção são elementos centrais de nossas observações e indagações. De fato, encontra-se um dispositivo clínico que nos fornece uma série de elementos comportamentais e subjetivos muito rico ao cuidado psicoterapêutico com crianças. Os efeitos deste dispositivo são diversos, desde tomadas de protagonismo à desinibição infantil. Os efeitos clínicos em muito tem nos chamado a atenção, assim como às famílias que tanto nos dão feedback e notícias dos processos subjetivos de seus pequenos.

4 CONCLUSÃO

Interessa a este escrito, dentro dos limites estruturais deste artigo, apresentar o projeto de extensão Grupos Como Dispositivo De Coletivização, uma vez traçado as novas modalidades de sofrimento psíquicos de nosso tempo. Alinhado ao projeto, a abordagem transdisciplinar é a perspectiva que norteia o nosso trabalho. A perspectiva transdisciplinar é uma perspectiva da multiplicidade. Quanto mais encontros fizermos, tanto no que diz respeito ao atributo pensamento quanto ao atributo extensão, mais potentes seremos. Nossa aposta teórica-metodológica nos informa que o campo do limiar — onde se forja o diálogo entre clínica, política e artes — é a borda que amplia as conexões, possibilitando a ultrapassagem, na clínica, de alguns impasses trazidos por categorias do negativo que a atravessam.

Como fruto de nossas ações, temos fortalecido a formação de futuros psicólogos e psicólogas que enxergam a sua importância de uma clínica ampliada, bem como compreendem a necessidade da criação e de pensar em novos modos de cuidado e racionalizar a saúde. Em sua formação fica colocado também a capacitação de futuros superiores. Dessa forma, reafirmamos nossa atuação como um trabalho ético-estético-político.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Editora Paz & Terra; 12ª edição, 2021.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**. Martin Fontes PD35; 1ª edição, 2020.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- GUATTARI, F. (2004). **Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional**. Aparecida: Ideias e Letras.
- KASTRUP, Virgínia & BENEVIDES, Regina. **Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia**. In: Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010, pp 76-91.
- ONOCKO CAMPOS, R., FURTADO, J. P., PASSOS, E., BENEVIDES, R. **Pesquisa avaliativa em saúde mental. Desenho participativo e efeitos da narratividade**. Campinas : Hucitec, 2008 p.428.
- PASCHE, Dário, PASSOS, E. **Inclusão como método de apoio para produção de mudanças na saúde -- aposta da Política de Humanização da Saúde**. *Saúde em Debate.* , v.34, p.423 - 432, 2010

PASSOS, E & BARROS, R B. **Cartografia como método de pesquisa-intervenção**. Em E. Passos, V. Kastrup, L. da Escóssia (orgs) *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RAUTER, Cristina. **Clínica Transdisciplinar: Afirmação Da Multiplicidade Em Deleuze/Spinoza**. *TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência* [online]. 2015, v.8, n 1 [Acessado 9 Outubro 2022] Disponível em: <https://revistas.ufri.br/index.php/tragica/article/view/26802> .

RIBEIRO, Marli B. S; MARTINS, Sueli T. F; OLIVEIRA, Luiz R. **Familiares de usuários vivenciando a transformação do modelo assistencial psiquiátrico**. *Estudos de Psicologia*, 14(2), Maio-Agosto/2009, 133-140

SIMONDON, G. L'individuation psychique et collective. Paris : Aubier, 1989.

SIMONINI, Eduardo & ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. **Transversalidade e Esquizoanálise**. *Psicologia em Revista*, v. 24 n. 3, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n3p915-929>. Último acesso em 18 set de 2022.